A fome e o paladar: a antropologia nativa de Luis da Câmara Cascudo

José Reginaldo Santos Gonçalves

Uma etnografia nativa

Meu propósito é discutir algumas categorias culinárias no contexto da cultura popular brasileira, tal como são representadas nos estudos do etnógrafo e folclorista Luis da Câmara Cascudo. A partir de uma leitura de seus textos, trago, exploratoriamente, alguns problemas e hipóteses eventualmente úteis para um entendimento dos sistemas culinários no Brasil.

Nota: Este ensaio foi originalmente apresentado na 99ª Reunião da American Anthropological Association, em São Francisco, Califórnia, entre 15 e 19 de novembro de 2000, na sessão *Sensuous regimes: the politics of perception*. O projeto de pesquisa do qual resulta este texto recebe o apoio do CNPq, FAPERJ e FUJB.
José Reginaldo Santos Gonçalves é professor/pesquisador do Programa de Pós-Graduação em Sociologia e Antropologia do IFCS/UFRJ e pesquisador do CNPq.

Estudos Históricos, Rio de Janeiro, nº 33, janeiro-junho de 2004, p. 40-55.

Entre os estudiosos do folclore no Brasil, Luis da Câmara Cascudo é certamente o mais conhecido e o mais popular. Ao longo de sua vida, publicou numerosos livros e artigos sobre contos, festas e medicinas populares, provérbios, religiões, objetos, gestos, comidas, bebidas, entre outros temas. Ele é também autor do *Dicionário do folclore brasileiro* (Cascudo 1962 [1954]),[1] uma obra utilíssima, extensivamente consultada por qualquer um que se envolva com o estudo da cultura popular no Brasil. De certo modo, esse *Dicionário*, publicado pela primeira vez em 1954, constitui um riquíssimo catálogo no qual podemos encontrar das mais importantes às mais obscuras categorias da cultura popular brasileira.

Cascudo nasceu em 1898, em Natal, capital do Rio Grande do Norte, e morreu nessa mesma cidade no ano de 1986. Nunca deixou a cidade, tendo incorporado essa circunstância biográfica como um ícone de sua identidade existencial e intelectual. Seus biógrafos têm sublinhado o fato de que Cascudo sempre definiu-se a si mesmo como um "provinciano" (Costa, 1969). Desde o início dos anos 1990, a obra de Cascudo vem se tornando o foco de um renovado interesse por parte dos intelectuais e dos meios de comunicação.[2]

Seus escritos etnográficos, em sua maioria elaborados ainda na primeira metade do século XX, de certa maneira anteciparam os estudos antropológicos que floresceram no Brasil nos anos 70 e cujo foco era a vida cotidiana.[3] Ao tempo em que escrevia seus estudos etnográficos sobre comidas, bebidas, gestos, palavrões, jangadas, redes-de-dormir e outros aspectos da vida cotidiana brasileira, tais temas não eram considerados objetos relevantes para cientistas sociais sérios e responsáveis. Esses profissionais estavam mais preocupados com temas tais como desenvolvimento econômico, modernização, políticas de Estado, partidos políticos, e não com aspectos vulgares da vida cotidiana (Gonçalves, 1999).

Não por acaso, Cascudo jamais veio a ser reconhecido como um "cientista social" em sentido estrito. Ainda que fosse um folclorista reconhecido nacional e internacionalmente, sempre ocupou uma posição marginal no sistema acadêmico brasileiro. Até certo ponto, sua posição pessoal expressa a marginalidade a que foram submetidos os "estudos de folclore" na vida intelectual brasileira (Cavalcanti e Vilhena, 1992; Cavalcanti, 1992; Vilhena, 1997).

Mas os seus escritos revelam alguns traços que os distinguem daqueles produzidos por outros folcloristas brasileiros. Muitas vezes, Cascudo inicia suas frases afirmando: "Nós, o povo, acreditamos que...". Ele assume explicitamente, como autor, um ponto de vista sob o qual escreve não "sobre a", mas "a partir da" própria cultura popular. Assume, deste modo, as categorias dessa cultura, particularmente da cultura popular do Nordeste. Por sua vez, essa cultura é identificada em seus escritos como uma espécie de "sobrevivência" (ainda que bastante viva na atualidade) herdada do Brasil "tradicional", cuja existência histórica se desenrola do século XVI ao século XIX.

Em seus escritos etnográficos, é possível reconhecer não o clássico "eu estive lá" dos antropólogos sociais ingleses e dos antropólogos culturais norte-americanos, mas, alternativamente, o "eu sempre estive aqui", próprio do etnógrafo nativo (Clifford, 1996). Como disse há pouco, Cascudo sempre se definiu, existencial e intelectualmente, como um "provinciano", em oposição ao universo social e cultural da "metrópole". Ele transformou, assim, essa circunstância biográfica e geográfica em uma perspectiva intelectual e existencial que define o seu perfil como autor. Até certo ponto, é possível dizer que Cascudo vê o Brasil do ponto de vista da "província" (Gonçalves, 1999).

Do ponto de vista etnográfico, é nesse momento que seus escritos tornam-se mais interessantes. Quando escreve sobre a cultura popular, tomando-a como um objeto de pesquisa distante, ou quando pensa como um estudioso do folclore, ele tende a construir suas interpretações em termos difusionistas, buscando as origens e reconstituindo os processos de difusão de determinados itens culturais no tempo e no espaço; ou, eventualmente, pensa em termos funcionalistas, procurando encontrar as funções que certos itens culturais podem desempenhar no contexto das relações sociais cotidianas. Em resumo, quando ele pensa teoricamente, seus escritos parecem historicamente datados.

Mas, na maioria das vezes, Cascudo escreve como um nativo. Pensa menos como um "engenheiro" e mais como um *bricoleur*. Suas reflexões são sistematicamente organizadas por categorias nativas, e seus escritos seriam assim melhor descritos como uma espécie de antropologia nativa. Seus estudos, na medida em que focalizam extensivamente tópicos associados a experiências corporais (tais como comida, bebidas, gestos, objetos materiais etc.), revelam um rico ponto de vista nativo sobre concepções do corpo humano e dos sentidos na cultura popular brasileira.

Uma vez que sugiro interpretar Cascudo como um escritor que constrói retoricamente sua autoria como um etnógrafo nativo (Gonçalves, 1999),[4] expressando idéias e valores de sua própria sociedade e cultura, qual a relevância de suas categorias de pensamento para o entendimento dessa sociedade e cultura? O que podemos aprender sobre a cultura brasileira em seus escritos? Mais especificamente, o que podemos aprender, por seu intermédio, sobre práticas e representações populares da alimentação no Brasil?

Alimentação e natureza humana

O tópico "alimentação" se faz amplamente presente nos escritos etnográficos de Cascudo. Comida e bebida aparecem em muitos de seus estudos sobre narrativas, provérbios, festas populares, religiões etc. Mas ele também escreveu trabalhos específicos sobre o tema. Um deles é a *História da alimentação no Bra-*

sil, obra em dois volumes publicada pela primeira vez em 1967 (Cascudo, 1983 [1963]). Em 1968, publicou um livro breve, porém útil, sobre a história e os significados da cachaça, *Prelúdio à cachaça* (Cascudo, 1986 [1968]). Em 1977, publicou a *Antologia da alimentação no Brasil*, em que reuniu um conjunto de textos literários, documentos históricos, artigos de jornais antigos e textos de estudiosos do folclore sobre comidas e bebidas. Ao longo de sua carreira, publicou numerosos artigos sobre as diversas formas de classificação, preparo e consumo de comidas e bebidas no Brasil.

Na maioria de seus estudos, no entanto, é praticamente impossível isolar essas formas de preparação e consumo de comidas e bebidas de outros tópicos. É impossível separá-las do sistema de relações sociais e simbólicas, das festas, religiões e medicinas populares, dos provérbios, narrativas e relações mágico-religiosas com os santos, com os mortos etc. Neste sentido, categorias como "nutrição" e "alimentação", "comida" e "refeição", "fome" e "paladar", "cru" e "cozido", entre outras, integram de fato um vasto sistema de categorias que estruturam seus escritos etnográficos e sua interpretação da cultura popular brasileira.

No início de sua *História da alimentação no Brasil*, Cascudo (1983 [1963]) opõe sua própria perspectiva intelectual a uma outra, expressa por Josué de Castro (1908-1973), autor de *A geografia da fome* (Castro, 2002 [1946]) e de outros livros e artigos sobre a experiência humana da "fome". Se Castro escreve do ponto de vista da "fome", Cascudo afirma escrever sobre comidas e bebidas populares do ponto de vista do "paladar".[5]

Na perspectiva de Castro, um sistema de alimentação funciona para alimentar as pessoas, para satisfazer as necessidades biológicas de uma determinada população. Argumentando nos termos de uma concepção "estratigráfica" de cultura, fundada em relações funcionais entre os níveis biológico, psicológico, social e cultural (Geertz, 1973: 37), Castro entende a fome como uma necessidade biológica a ser satisfeita, de modo mais ou menos bem-sucedido, pelas instituições sociais, econômicas e políticas. Sociedade e cultura são pensadas, portanto, como dimensões a serem acionadas para resolver o "problema da fome". O "paladar" (em oposição à fome) é assim pensado como algo suplementar e definido aleatoriamente.

Mas, na perspectiva de Cascudo, o "paladar" é determinado por padrões, regras e proibições culturais. Mais que isso, segundo ele, o paladar é um elemento poderoso e permanente na delimitação das preferências alimentares humanas, e está profundamente enraizado em normas culturais. Diz Cascudo (1983 [1963]: 26-7): "A escolha de nossos alimentos diários está intimamente ligada a um complexo cultural inflexível. O nosso *menu* está sujeito a fronteiras intransponíveis, riscadas pelo costume de milênios". Assim, o paladar não pode ser facilmente modificado por políticas públicas fundadas no argumento médico de

que determinados alimentos oferecem um maior valor nutritivo. Para Cascudo (1983 [1963]: 19), "é indispensável ter em conta o fator supremo e decisivo do *paladar*. Para o povo, não há argumento probante, técnico, convincente, contra o paladar...". Modificações do paladar, argumenta, dependerão da mesma fonte de sua formação: o tempo.

Qualquer sociedade ou cultura humana elabora alguma forma de distinção entre a fome e o paladar. É importante, no entanto, focalizar a natureza da relação entre essas categorias. No caso dos escritos de Cascudo, e particularmente das categorias neles expressas, o paladar desempenha uma função dominante, enquanto a fome, uma função subordinada. Em tal perspectiva, são as regras culturais e as trocas sociais que definem a natureza humana, e não as necessidades biológicas. Um sistema alimentar funciona não exclusivamente para satisfazer essas necessidades, mas para expressar um paladar cultural e historicamente formado. Como uma necessidade natural, a fome vem a ser satisfeita por qualquer tipo de alimento, do mesmo modo que a sede é satisfeita pela água. Mas o paladar está associado a modalidades distintas de comidas e bebidas. Mais que isso, está associado a formas específicas e particulares de preparação, apresentação e consumo. Por intermédio do paladar, os indivíduos e grupos distinguem-se, opõem-se a outros indivíduos e grupos. Por essa razão, o paladar situa-se no centro mesmo das identidades individuais e coletivas.

Nesse sentido, tanto o "paladar" quanto a "fome" podem ser pensados como categorias mutuamente opostas, como princípios estruturais por meio dos quais as relações sociais e os conceitos de natureza humana são culturalmente organizados. Se tomamos como ponto de partida uma ou outra dessas categorias, chegamos a compreensões diferentes do que sejam a sociedade e a cultura e, basicamente, do que seja a natureza humana. Se nossa reflexão estiver baseada na "fome" como uma necessidade natural (como faz, por exemplo, Josué de Castro), a sociedade será concebida como uma "coleção de indivíduos", e a cultura, como um conjunto de instrumentos por meio dos quais a natureza humana, supostamente fraca e dependente, poderá e deverá ser compensada. Nessa perspectiva, a natureza humana tende a ser entendida em termos biológicos. Vale lembrar, nesse momento, o que antropólogos como Mary Douglas têm assinalado: fome não é falta de comida, mas ausência de relações sociais e culturais (Douglas, 1975 e 1982).

Entretanto, se tomamos o "paladar" como uma norma cultural, a sociedade humana vem a ser entendida como um domínio simbólico constituído por relações e diferenças. E este é o sentido da perspectiva de Cascudo sobre a alimentação. Em seus escritos, a alimentação existe na cultura e na história, e não fundamentalmente na natureza. Desse ponto de vista, a natureza humana é concebida como formada cultural e historicamente. Por meio dos alimentos, indivíduos e coletividades fazem conexões e estabelecem distinções de natureza so-

cial e cultural. A alimentação, assim, como já foi sugerido, não é apenas "boa para comer".

A categoria "paladar" (em oposição explícita e implícita a "fome") atravessa o conjunto das reflexões de Cascudo sobre comidas e bebidas. Mais do que uma perspectiva teórica construída em termos estritamente acadêmicos, a concepção de Cascudo expressa uma visão corrente sobre o tema no cotidiano da sociedade brasileira. Em outras palavras, assume-se no cotidiano que os alimentos funcionam basicamente para expressar e celebrar diferentes espécies de relações sociais e culturais. Eles desempenham diversas funções, mas não exclusiva ou principalmente aquela de alimentar ou satisfazer a fome como necessidade natural.

Alimento e comida; comida e refeição

Há nos escritos de Cascudo, e na cultura popular brasileira, uma distinção entre "alimento" e "comida".[6] O alimento está associado à experiência fisiológica da subsistência e da fome. Já em relação à comida, diz Cascudo (1962 [1954]: 228) em seu *Dicionário do folclore brasileiro*: "Transcende do simples ato de alimentar-se a significação da comida". A comida é, assim, social e culturalmente significativa e, conseqüentemente, distinta da experiência estritamente fisiológica de alimentar-se. A "comida" tem a ver com apetite e paladar. No caso do "alimento", o apetite é substituído pela fome. A "comida" está associada a um corpo que é culturalmente formado, e a um paladar igualmente formado; mas o alimento tem a ver com um corpo concebido em termos estritamente fisiológicos, definido em termos de suas necessidades biológicas elementares. Se a "comida" está associada a um ser humano concebido em termos de "paladar", e portanto de escolha cultural, o "alimento", por sua vez, está associado a um ser humano entendido como indivíduo infeliz, fraco, faminto e dependente da sociedade para compensar essa intrínseca fraqueza e infelicidade (sobre essa idéia, ver o importante ensaio de Marshall Sahlins, 1996).

Mas há ainda outra oposição importante nos escritos de Cascudo. É aquela definida entre o ato social e cultural de comer e o ato igualmente social e cultural de participar de uma "refeição". A "comida", tal como entendida por Cascudo, pode estar presente em diferentes situações sociais e culturais. Já a "refeição" é entendida como uma situação social e cultural particular e fortemente ritualizada. Ela pressupõe, obrigatoriamente, um modo específico de preparar, de servir e de consumir. Participar de uma refeição não é o mesmo que simplesmente comer. A diferença entre a "refeição" e o "comer" está baseada em um processo de transformação de uma situação informal e casual em uma situação mais estruturada em termos sociais e culturais.[7]

Na verdade, podemos perceber a oposição entre a "comida" e a "refeição" em diferentes sociedades ou culturas. São categorias universais (assim como o paladar e a fome, o cru e o cozido). Mas, no contexto da obra de Cascudo (e na cultura popular brasileira, tal como descrita nessa obra), esses termos adquirem um conjunto de significados particulares. Primeiramente, integram categorias mais amplas, de natureza social, histórica, fisiológica, geográfica, cosmológica. É possível dizer que Cascudo, implicitamente, pensa a "comida" e a "refeição" como "fatos sociais totais", no sentido atribuído a essa expressão por Marcel Mauss (1973 [1950]). Conforme já assinalei, é impossível, no contexto da obra de Cascudo, isolar esses termos de outras oposições presentes em seu pensamento, tais como tradição/modernidade, província/metrópole, cultura popular/cultura erudita, espontaneidade/autocontrole, corpo/alma, vivos/mortos, passado/presente, divindades/seres humanos, animais/seres humanos etc. Esses termos devem ser entendidos no contexto dessas outras oposições. Do ponto de vista de Cascudo, esse parece ser o caso para o que ele entende como Brasil tradicional (a colônia e o império, ou o "Brasil Velho", segundo uma expressão sua), ou para as práticas e representações contemporâneas da cultura popular.

Para Cascudo, uma "refeição" implica necessariamente uma forma de comportamento organizado a partir de um ritmo lento. Esse ritmo é usualmente associado à autoridade social e cultural, em oposição a posições subordinadas (Cascudo, 1987 [1973]: 177-8). A refeição implica um processo longo e complexo de preparação, apresentação e consumo de alimentos e bebidas, marcando assim sua distinção do simples ato de alimentar-se. Deste modo, a refeição se opõe claramente àquela espécie de comida que as pessoas podem consumir de modo casual na vida cotidiana. Uma "verdadeira" refeição nunca é realizada de modo apressado, segundo Cascudo. Ele também assinala que a refeição, no contexto tradicional brasileiro, deve ser realizada em silêncio, as pessoas fazendo um uso mínimo de palavras.

Historicamente, nos termos de Cascudo, as refeições são permanentes, antigas, profundamente enraizadas em tempos ancestrais, seguindo os ritmos da tradição, assim como os ritmos cósmicos e naturais. O simples ato de "comer" não tem, por sua vez, esse caráter antigo e permanente, sendo casual e sujeito às transformações rápidas ditadas pela moda. As refeições são necessariamente coletivas; são parte integrante de uma totalidade cósmica, natural, social e histórica. Comer, por sua vez, tende a ser um ato fragmentário, casual, individualizado e eventualmente solitário. As refeições estabelecem conexões entre os seres humanos, entre estes e as divindades, entre os vivos e os mortos etc. Comer, por outro lado, conecta os seres humanos com suas necessidades individuais, passageiras e eventuais. Uma refeição envolve tanto relações no contexto doméstico quanto situações altamente ritualizadas, cujos parceiros são criaturas distantes, como divindades, santos e mortos (Cascudo, 1983 [1963]).[8]

Cascudo distingue diferentes espécies de refeições na sociedade e na cultura brasileira e focaliza a distinção entre formas tradicionais e modernas de refeições. Segundo ele, até fins do século XIX e princípio do século XX (portanto, no que ele chama de "Brasil Velho"), a seqüência das refeições diárias era organizada do seguinte modo: a primeira refeição era o "almoço", por volta de sete horas da manhã; a segunda era o "jantar", por volta de meio-dia; em seguida, a "merenda", uma curta refeição em torno de três horas da tarde; e, finalmente, a "ceia", por volta de seis horas.

Ainda segundo Cascudo, a partir do século XX, e no Brasil contemporâneo (a *História da alimentação no Brasil* foi originalmente publicada em 1963),[9] teríamos a seguinte seqüência: "café da manhã", "almoço", "lanche" e, finalmente, o "jantar". Essas formas de organização da seqüência das refeições diárias fazem sistema com técnicas culinárias, certas espécies de comidas e bebidas, e modos específicos de apresentação e consumo (Cascudo, 1983 [1963]). Segundo o ponto de vista de Cascudo, não somente as refeições, mas também todos os demais componentes do sistema culinário vieram a modificar-se sob a égide da oposição cultural e histórica entre um Brasil tradicional e um Brasil moderno.

Sistemas culinários brasileiros

Como um conjunto de práticas e representações, os "sistemas culinários"[10] estão intimamente integrados a determinadas cosmologias, unindo a pessoa, a sociedade e o universo, e identificando a posição e o comportamento do ser humano nessa totalidade. As preferências alimentares, os modos de cozinhar, as formas de apresentação dos alimentos, as maneiras de mesa, as categorias de paladar ou gosto, todos esses elementos inter-relacionados compõem um código cultural por meio do qual mediações sociais e simbólicas são realizadas entre os seres humanos e o universo. Como estágios em um longo e complexo processo, esse sistema opera uma importante transformação simbólica da natureza à cultura, da fome ao paladar, do alimento à comida, e da comida às refeições, assim como opera mediações não menos importantes entre distintos domínios sociais e culturais.[11]

Se os escritos de Cascudo sobre comidas e bebidas forem lidos sob a ótica definida pelo conceito de "sistema culinário" (Mahias, 1991), perceberemos que as formas descritas de aquisição, preparação, apresentação e consumo de comidas e bebidas são termos sistematicamente inter-relacionados, ainda que não explicitamente. Na verdade, Cascudo nos traz uma percepção nativa daquilo que poderíamos chamar de "sistema culinário" popular brasileiro. Baseado em pesquisas bibliográficas e de arquivos e em sua memória e experiência biográfica, Cascudo descreve as preferências brasileiras tradicionais por determinadas co-

midas e bebidas, assim como os meios específicos de as preparar, servir e consumir. A perspectiva de Cascudo é historicamente orientada, e seu foco descritivo está voltado para um Brasil "tradicional", que teria existido em sua inteireza até fins do século XIX. Um Brasil do passado (o "Brasil Velho"), mas ainda assim existindo na forma de "sobrevivências"[12] ainda ativas em diversas modalidades da chamada cultura popular contemporânea no mundo rural e urbano. Suas fontes são textos de viajantes dos séculos XVI, XVII, XVIII e XIX; textos literários nacionais e estrangeiros de períodos históricos diversos; e especialmente sua experiência biográfica como membro da elite nordestina brasileira, na condição de um etnógrafo nativo. Como etnógrafo, Cascudo costumava entrevistar ex-escravos, ex-proprietários de escravos, cozinheiras, seus próprios empregados e empregadas domésticas, membros de sua família (especialmente as mulheres), cozinheiros de restaurantes, pescadores e toda sorte de pessoas envolvidas direta ou indiretamente com atividades culinárias (Cascudo, 1983 [1963]).

Num estilo não muito distante de James Frazer, Cascudo reúne um conjunto de dados históricos e etnográficos relativos ao Brasil e a outras partes do mundo. Ali vemos um vasto acúmulo de informações sobre diferentes elementos ou aspectos do sistema culinário brasileiro: formas de escolha, aquisição, preparação, apresentação e consumo de determinados alimentos e bebidas, maneiras de mesa, categorias de paladar, modos de lidar com os restos de comida etc. No nível mais consciente e explícito da organização de seu pensamento, ele ordena esses dados em uma seqüência histórica que se estende do Brasil tradicional ao Brasil que lhe é contemporâneo, ou seja, do século XVI ao século XX. No entanto, meu ponto é que os escritos etnográficos de Cascudo sobre comidas e bebidas tendem a se configurar de modo muito mais rentável, do ponto de vista descritivo e analítico, se os lemos, não em termos dessa seqüência evolucionária, mas de um modo sistemático e sincrônico. Neste sentido, o Brasil tradicional e o Brasil moderno não são apenas dois momentos numa seqüência histórica, mas dois modos distintos de interpretar a vida social e cultural do Brasil contemporâneo.

No primeiro volume de sua *História da alimentação no Brasil,* Cascudo (1983 [1963]) descreve o que considera ser as formas indígenas, africanas e portuguesas da culinária. Seguindo, em linhas gerais, a conhecida "fábula das três raças" (DaMatta, 1990 [1987]), Cascudo argumenta que uma cozinha nacional brasileira teria se configurado por volta do final do século XVIII, como produto histórico da dominação social e cultural portuguesa sobre os sistemas indígenas e africanos de alimentação. De certo modo, o sistema culinário brasileiro veio a se constituir como a síntese dessas três tradições culinárias, sob a égide da herança cultural portuguesa.

A fome e o paladar

Se focalizamos nos textos de Cascudo a fome e o paladar, não como experiências naturalmente dadas, mas como categorias culturais, podemos dizer que a categoria "paladar" domina o sistema culinário tradicional; a fome, por sua vez, domina o sistema moderno. Segundo Cascudo, o "paladar" desempenha um papel dominante nas refeições tradicionais; mas a "fome" tende a ser o fator dominante nas formas modernas, ocasionais e irregulares de alimentação cotidiana (Cascudo, 1983 [1963]).

Cascudo argumenta que no mundo moderno, especialmente nas áreas urbanas, as refeições não desaparecem, mas tendem a ser substituídas por práticas de alimentação ocasionais, irregulares e ligeiras. Restaurantes e locais de venda da chamada *fast-food* substituem o espaço da comida feita em casa. Relações sociais e culturais são substituídas por necessidades imediatas. O apetite e o paladar perdem espaço para a fome. Nutricionistas ocupam o lugar dos cozinheiros tradicionais. Comidas enlatadas substituem longos e complexos processos de preparação de alimentos. Comportamentos casuais, barulhentos e apressados competem com o ritmo lento e silencioso das refeições tradicionais (Cascudo, 1983 [1963]). Desse modo, fome e paladar são pensados como categorias intimamente ligadas a distintas formas de vida social e cultural. Poderíamos talvez falar da diferença entre uma "cultura da fome" e uma "cultura do paladar".

Como um estudioso do folclore, com uma orientação cultural e histórica, Cascudo percebe os itens que compõem o sistema culinário brasileiro nos termos de uma seqüência histórica. Mas, como uma etnografia nativa, seus escritos revelam o caráter sistemático das relações entre esses itens. Do ponto de vista de Cascudo, vale ainda sublinhar, as formas tradicionais de vida e de pensamento, como "sobrevivências", estão ainda ativas e poderosas (ainda que não predominantes) na vida cotidiana brasileira contemporânea.

No entanto, é importante qualificar a distinção entre os conceitos tradicionais e modernos de fome e paladar. De acordo com a percepção nativa de Cascudo, ambas as categorias estão presentes tanto no contexto tradicional quanto no contexto moderno brasileiro. Seus escritos sugerem, no entanto, que nos contextos tradicionais esses conceitos estão totalmente embutidos em relações sociais e culturais. Eles fazem parte de categorias totais. Nos contextos modernos, no entanto, a fome e o paladar tornam-se categorias individualizadas e autônomas (e, por isso mesmo, naturalizadas) em face das relações sociais e culturais. Nos contextos tradicionais, por exemplo, no Brasil colonial, é possível distinguir o paladar do escravo e o paladar do seu proprietário. O paladar é parte inseparável da *persona* de cada um deles. Por outro lado, nos contextos urbanos modernos, o paladar torna-se autônomo. Ele transforma-se em "bom gosto" (o gosto do

gastrônomo) e teoricamente independente de categorias sociais ou raciais (Flandrin, 1991). A categoria "paladar" torna-se tão individualizada e assume contornos semânticos tão delimitados quanto a categoria "fome", ambas fundadas numa concepção moderna e igualitária da natureza humana (Dumont, 1977; Sahlins, 1996).

Comentários finais

Por que, nos escritos etnográficos de Cascudo, tópicos como comidas e bebidas recebem tanta atenção, além de outros objetos e experiências da vida cotidiana?

De certo modo, assim como os *waigu'a* trobriandeses (Malinowski, 1974 [1922]), as brigas de galos balinesas (Geertz, 1973), o gado Nuer (Evans-Pritchard, 1973 [1940]), ou a feitiçaria Zande (Evans-Pritchard, 1976 [1951]), comidas e bebidas parecem constituir-se em uma extensa e difusa linguagem, por meio da qual indivíduos e grupos no Brasil falam *sobre* e *para* si mesmos. Certamente, comida e bebida compõem uma linguagem universal, e seu uso pode ser reconhecido em qualquer sociedade ou cultura. De modo algum isto seria uma peculiaridade brasileira. No entanto, é possível especular que no Brasil essa linguagem pode assumir um papel preponderante na vida cotidiana. Neste sentido, ela é uma espécie de linguagem privilegiada que as pessoas usam para descrever suas experiências públicas e privadas.

É um fato usualmente apontado por visitantes estrangeiros que, no Brasil, as pessoas, no dia-a-dia, falam obsessivamente de comidas e bebidas. Em sua *História da alimentação no Brasil*, Cascudo reúne 138 termos culinários (comidas, bebidas, frutas, doces, formas de preparar, de servir e de consumir comidas etc.) usados às centenas em expressões populares e provérbios na vida cotidiana brasileira. Cascudo também menciona dois outros autores que igualmente coletaram centenas de expressões. Mas qual a importância da comida na cultura popular brasileira? Qual a freqüência com que aparecem sendo usadas para descrever os atributos morais e o comportamento das pessoas, e para avaliar situações e experiências humanas?

Um de meus propósitos neste artigo foi sugerir que os escritos etnográficos de Cascudo (especialmente aqueles que versam sobre comidas e bebidas) seriam melhor considerados se tomados não simplesmente como trabalhos datados em termos de análise teórica (o que, parcialmente, são), mas como documentos etnográficos nativos. Como tal, eles requerem um trabalho de descrição e análise que os situem como ricas expressões de representações coletivas relativas sobre os significados da comida na vida cotidiana brasileira contemporânea, assim como em diversos outros momentos históricos. Suas idéias são a expressão

escrita de categorias sociais e culturais em ampla circulação na sociedade brasileira. Neste sentido, esses escritos podem deixar de ser lidos apenas como fontes de informação histórica e cultural. Pois eles são, na verdade, fontes de perspectivas para o entendimento da cultura popular brasileira. Uma vez que Cascudo, como um *bricoleur*, pensa por meio de categorias culturais nativas, ele oferece ao leitor pontos de vista originais sobre diferentes aspectos do cotidiano brasileiro. Mais do que nos trabalhos de qualquer outro estudioso do folclore no Brasil, seus escritos sobre alimentação podem trazer um ponto de vista estimulante e até o momento não plenamente explorado para o entendimento desse e de outros tópicos da cultura popular brasileira.

Notas

1. Sobre o *Dicionário do folclore brasileiro*, ver o verbete produzido por Martha Abreu em Silva (2003).

2. Um exemplo recente é o *Dicionário crítico Câmara Cascudo*, utilíssima fonte de consultas sobre a obra desse autor, organizado por Marcos Silva (2003).

3. A obra importante e influente de Roberto DaMatta é, de certo modo, emblemática da antropologia brasileira nos anos 70 (DaMatta, 1973).

4. Esse ponto é, de certo modo, assinalado por Margarida de Souza Neves em seu excelente verbete sobre "Tradição: ciência do povo" (Neves, 2003).

5. Afirma Cascudo (1983 [1963]: 16) em sua *História da alimentação no Brasil*: "Andei uma temporada tentando Josué de Castro, em conversa e carta, para um volume comum e bilíngüe. Ele no idioma da nutrição e eu na fala etnográfica. O Anjo da Guarda de Josué afastou-o da tentação diabólica. Não daria certo. Josué pesquisava a fome e eu a comida. Interessavam-lhe os carecentes e eu os alimentados, motivos que *hurlaient de se trouver ensemble*. Na sua *Geografia da fome*, no prefácio, Josué alude ao projeto de uma 'história da cozinha brasileira', de quem me libertei também".

6. Para uma interessante elaboração dessa distinção, ver DaMatta (1984).

7. Para uma elaboração da oposição entre situações formais e informais em relação à alimentação, ver Douglas (1975).

8. Essa distinção pode, de certo modo, ser aproximada daquela construída por Walter Benjamin entre o contexto tradicional do "narrador" e o contexto moderno, no qual se verifica a decadência desse personagem (Benjamin, 1986).

9. "Escrito inicialmente como encomenda para a Sociedade de Estudos Históricos Pedro II, esse livro foi publicado pela primeira vez em março de 1963" (ver Pinto e Silva, 2003: 99).

10. Para uma útil elaboração do conceito de "sistema culinário", ver o verbete de Mahias (1991).

11. Uma importante fonte de *insights* sobre códigos culinários é a obra de Claude Lévi-Strauss sobre mitologia ameríndia (ver Lévi-Strauss, 1964, 1966 e 1968). Mas a literatura recente sobre o tema é vasta. Entre os estudos na área de antropologia e de história, algumas referências úteis são: Jack Goody (1982 e 1998); Mary Douglas (1975 e 1982); C. Counihan e P. Van Esterik (1997); S. Mennell (1985); M. Montanari (1996); S. Mintz (1985); J.-L. Flandrin e M. Montanari (1996), e J.-L. Flandrin e J. Cobbi (1999). Um número especial da revista *Horizontes Antropológicos* (n. 4, 1996) foi dedicado ao tema "alimentação".

12. A categoria "sobrevivência", nos textos de Cascudo, não tem o sentido estritamente evolucionista ao qual está associado. Na verdade, o uso que ele faz dessa noção acompanha a ambigüidade com que ela aparece nos textos de um de seus autores favoritos, James Frazer. Para este, a idéia de sobrevivência trazia, além do sentido de algo do passado que teria simplesmente permanecido ao longo do tempo, o significado de algo selvagem que existiria ativamente sob a calma superfície da "civilização", podendo manifestar-se a qualquer momento. Sobre esse ponto na obra de Frazer, ver Stocking Jr. (1996: XXV).

Referências bibliográficas

ABREU, Martha. 2003. "Dicionário do folclore brasileiro", em SILVA, Marcos. *Dicionário crítico Câmara Cascudo*. São Paulo, Perspectiva.

BENJAMIN, Walter. 1986. "O narrador. Considerações sobre a obra de Nicolai Leskov", em ROUANET, S. P. (org.). *Walter Benjamin: obras escolhidas*. São Paulo, Brasiliense.

CASCUDO, Luis da Câmara. 1962 [1954]. *Dicionário do folclore do Brasil*. Rio de Janeiro, INL.

———. 1983 [1963]. *História da alimentação no Brasil*. 2 vols. São Paulo, Itatiaia.

———. 1986 [1968]. *Prelúdio à cachaça*. São Paulo, Itatiaia.

———. 1987 [1973]. "Autoridade e pressa", em *História dos nossos gestos*. São Paulo, Itatiaia.

———. 1977. *Antologia da alimentação no Brasil*. Rio de Janeiro, Livros Técnicos e Científicos.

CASTRO, Josué de. 2002 [1946]. *A geografia da fome*. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira.

CAVALCANTI, Maria Laura. 1992. "Os estudos de folclore no Brasil", em *Folclore e cultura popular: as várias faces de um debate*. Série Encontros e Estudos. Centro Nacional de Folclore e Cultura Popular. Rio de Janeiro, Funarte/CNFCP.

CAVALCANTI, Maria Laura V.C. & VILHENA, Luiz Rodolfo. 1992. "Traçando fronteiras: Florestan Fernandes e a marginalização do folclore". *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, CPDOC/FGV, n. 5.

CLIFFORD, James. 1996. *A experiência etnográfica: antropologia e literatura no*

século XX (organização de José Reginaldo Santos Gonçalves). Rio de Janeiro, UFRJ.

COSTA, A. 1969. *Viagem ao universo de Câmara Cascudo: tentativa de ensaio bibliográfico.* Natal, Fundação José Augusto.

COUNIHAN, C. & VAN ESTERIK, P. (eds.). 1997. *Food and culture: a reader.* London, Routledge.

DAMATTA, Roberto. 1973. *Carnavais, malandros e heróis: por uma sociologia do dilema brasileiro.* Rio de Janeiro, Zahar.

———. 1984. *O que faz do Brasil Brasil.* Rio de Janeiro, Rocco.

———. 1990 [1987]. "Digressão: a fábula das três raças, ou o problema do racismo à brasileira", em *Relativizando: uma introdução à antropologia social.* Rio de Janeiro, Rocco.

DOUGLAS, Mary. 1975. "Deciphering a meal", em *Implicit meanings.* Londres, Routledge.

———. 1982. *In the active voice.* Londres, Routledge.

DUMONT, Louis. 1977. *Homo aequalis.* Paris, Gallimard.

EVANS-PRTICHARD, Edward Evan. 1976 [1951]. *Witchcraft, oracles and magic among the Azande.* Oxford, Oxford University Press.

———. 1973 [1940]. *The nuer.* Oxford, Oxford University Press.

FLANDRIN, Jean-Louis. 1991. "A distinção pelo gosto", em *História da vida privada*, vol 3. São Paulo, Cia. das Letras.

FLANDRIN, Jean-Louis & MONTANARI, Massimo. 1996. *História da alimentação.* São Paulo, Estação Liberdade.

FLANDRIN, Jean-Louis & JACOBI, Jane. 1999. *Tables d'hier, tables d'ailleurs.* Paris, Odile Jacob.

GEERTZ, Clifford. 1973. *The interpretation of cultures.* New York, Basic Books.

GONÇALVES, José Reginaldo Santos. 1999. "Cotidiano, corpo e experiência: reflexões sobre a etnografia de Luis da Câmara Cascudo". *Revista do Patrimônio*, Rio de Janeiro, Minc/Iphan, n. 28.

GOODY, Jack. 1982. *Cooking, cuisine and class: a study in comparative sociology.* London, Cambridge University Press.

———. 1998. *Food and love: a cultural history of East and West.* London, Verso.

LEVI-SRAUSS, Claude. 1964. *Le cru et le cuit.* Paris, Plon.

———. 1966. *Du miel aux cendres.* Paris, Plon.

———. 1968. *Origines des manières de table.* Paris, Plon.

MAHIAS, M.-C. 1991. "Cuisine", em *Le dictionaire de l'ethnologie et de l'anthropologie.* Paris, Puf.

MALINOWSKI, Bronislaw. 1974 [1922]. *The argonauts of the Western Pacific.* London, Routledge.

MAUSS, Marcel. 1973 [1950]. "Essai sur le don" (1923), em *Sociologie et anthropologie.* Paris, Puf.

MENNELL, S. 1985. *All manners of food: eating and taste in England and France from the Middle Ages to the present.* Oxford, Oxford University Press.

MONTANARI, M. 1996. *The culture of food.* Cambridge, Blackwell.

MINTZ, Sidney. 1985. *Sweetness and power: the place of sugar in modern history.* London, Penguin Books.

NEVES, Margarida de Souza. 2002. "Tradição: ciência do povo", em

SILVA, Marcos. *Dicionário crítico Câmara Cascudo*. São Paulo, Perspectiva.

PINTO E SILVA, Paula. 2003. "História da alimentação no Brasil", em SILVA, Marcos. *Dicionário crítico Câmara Cascudo*. São Paulo, Perspectiva.

SAHLINS, Marshall. 1996. "The sadness of sweetness". *Current Anthropology*, vol. 37, n. 3.

SILVA, Marcos. 2003. *Dicionário crítico Câmara Cascudo*. São Paulo, Perspectiva.

STOCKING JR., George W. 1996. "Outcast from the islands: Frazer, *The Golden Bough* and modern anthropology", em FRAZER, James. *The Golden Bough*. London, Penguin Books.

VILHENA, Luis Rodolfo. 1997. *Projeto e missão: movimento folclórico brasileiro (1947-1964)*. Rio de Janeiro, Funarte/Minc/FGV.

(Recebido para publicação em janeiro de 2004 e aceito em março de 2004)

Resumo

Neste artigo, destaco algumas categorias culturais por meio das quais Luis da Câmara Cascudo (1898-1986) descreve e analisa os significados sociais e culturais de objetos e experiências da chamada cultura popular no Brasil, especialmente aquelas relativas ao tópico "alimentação". Sugiro que os escritos etnográficos desse autor seriam melhor entendidos como documentos etnográficos nativos, do que como simplesmente estudos datados do ponto de vista teórico. Nesse sentido, sua obra oferece não apenas uma rica fonte de informação etnográfica, mas também *insights* originais para a identificação e o entendimento antropológico de importantes categorias presentes na cultura popular brasileira.

Palavras-chave: culturas populares, folclore, alimentação, herança cultural, Luis da Câmara Cascudo.

Abstract

The attention in this paper is focused on some cultural categories by means of which the Brazilian folklorist Luis da Câmara Cascudo (1898-1986) describes and analyses the social and cultural meanings of objects and experiences of popular culture in Brazil, especially those related to food. I suggest that his works on such topics can be better understood as a kind of native ethnography, rather than as pieces of an out-of-date theoretical analysis. In this sense his writings might be read not only as a rich source of ethnographic information on Brazilian folklore, but also as insightful contributions to an

anthropological understanding of traditional as well as modern Brazilian popular cultures.
Key words: popular cultures, folklore, food, cultural heritage, Luis da Câmara Cascudo.

Résumé
Dans cet article je discute quelques catégories au moyen desquelles le folkloriste brésilien Luis da Câmara Cascudo (1898-1986) décrit et analyse les signifiés sociaux et culturels d'objets et d'expériences de la culture populaire au Brésil, en particulier ceux liés à la nourriture. Je suggère que son travail peut être mieux compris comme une espèce d'ethnographie indigène que comme des pièces démodées d'analyse théorique. Son oeuvre mérite d'être lue non seulement comme une riche source d'informations éthnographiques sur le folklore brésilien, mais surtout comme une contribution importante pour une comprehénsion anthropologique de la culture traditionelle aussi que des cultures populaires du Brésil contemporain.
Mots-clés: cultures populaires, alimentation, folklore, patrimoine culturel, Luis da Câmara Cascudo.